

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
BILLY WOODBERRY | REALIZADOR CONVIDADO
20 e 25 de junho de 2025

POINT OF ORDER! / 1963

Um Filme de Emile De Antonio

Realização: Emile De Antonio / **Argumento:** Emile De Antonio, a partir de uma ideia de Daniel Talbot / **Montagem:** Robert Duncan / **Consultores:** David T. Bazelon, Richard Rovere / **"Intérpretes":** Senador Joseph R. McCarthy, Senador Karl E. Mundt, Robert T. Stevens, Joseph N. Welch, John G. Adams, Ray H. Jenkins, Senador Stuart Symington, Senador John L. McClellan, Soldado G. David Schine, Roy M. Cohn.

Produção: Emile De Antonio e Daniel Talbot (Point Films) / **Cópia:** 16mm, preto e branco, com legendagem eletrónica em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 14 de Janeiro de 1964 / **Inédito comercialmente em Portugal**

Sessão de dia 20 comentada por Billy Woodberry no final da projecção (em inglês)

O espantoso documento que vai ser apresentado nesta sessão pode ser visto de duas maneiras. Por um lado testemunha do momento da "queda" de um personagem bem conhecido dos cinéfilos, o senador Joseph R. McCarthy, por outro mostra-nos também um momento histórico na transformação do audiovisual.

Point of Order é o primeiro filme de Emile De Antonio. Nascido em 1920 (morreu em 1989 de um ataque cardíaco) De Antonio teve antes de chegar ao cinema muitas profissões manuais (foi estivador e marinheiro entre outras coisas) e intelectuais, neste caso em ligação aos vanguardistas na década de 50, organizando espectáculos com o compositor minimalista John Cage e o bailarino e coreógrafo Merce Cunningham. Foi já empenhado nesta última actividade que De Antonio se torna membro, na qualidade de "distribuidor" (foi ele que levou às salas, em 1958, o clássico do underground **Pull My Daisy**) do "The Group", uma organização de vanguarda do cinema americano, que tinha como objectivo "rejeitar totalmente a censura e destruir o mito do orçamento (para filmes)" neste caso atacando inclusivé alguns representantes da vanguarda como Shirley Clarke e Jonas Mekas.

No começo da década de 60 Emile De Antonio teve acesso às gravações televisivas dos interrogatórios da Comissão de Investigação de Actividades Anti-Americanas, presidida pelo senador Joseph McCarthy. Eram cerca de 180 horas de testemunhos que vão servir de ponto de partida para este magistral exercício que dá pelo nome de **Point of Order**. Um pormenor sugestivo do que vai ser o "estilo" de De Antonio aparece logo a seguir. Ao saber do trabalho a que ele se dedicava, o actor Paul Newman (conhecido pelas suas posições de liberal na comunidade do cinema) ofereceu-se para fazer a narração, o que De Antonio recusou dizendo que "... o narrador na TV torna-se uma super-figura que tem de explicar-lhe o que acaba de ver ou o que não lhe foi permitido ver... é uma espécie de fascismo do espírito". É este princípio que vai presidir à obra de De Antonio. Salvo raras excepções todos os filmes que fez recusam a narração em voz *off* e o recurso a actores. A excepção, no primeiro caso, é **Rush to Judgement** e, no

segundo, **In The King of Prussia** (neste caso recorrendo ao actor Martin Sheen para “interpretar” a figura do juiz na reconstituição do julgamento de um grupo de militantes radicais), que, talvez não por acaso, são as suas obras menos importantes (o que não quer dizer menos ambiciosas, em particular **Rush to Judgement**).

Joseph R. McCarthy foi a sombra negra que pairou sobre os EUA na primeira metade da década de 50. A frente da HCUA, onde substituiu Parnell Thomas que dominou a comissão na década de 40, procura fazer desta um trampolim para o poder, não recuando perante nada. O filme de De Antonio capta exactamente o momento da sua queda em desgraça, a altura em que ficou praticamente abandonado por todos, inclusivé pelos que durante muito tempo o apoiaram. O seu colaborador e “vedeta” (involuntária) do filme, Roy Cohn, declarou anos depois à *Esquire* que McCarthy foi deixado cair porque a sua actividade já não interessava ao poder. O que sendo verdade (e ver o filme com olhos bem abertos, para tomar nota das expressões dos restantes personagens, é uma prova da verosimilhança da afirmação) não é tudo, pois omite o carácter do próprio senador, a sua megalomania que o levou a considerar-se como o “salvador” da nação contra tudo e contra todos. E foi este “contra tudo e contra todos” que o liquidou. Levado pela arrogância, ou ingenuidade, começou a elevar a parada do jogo a alturas indesejadas. Enquanto atacava intelectuais ou “limpava” Hollywood dos “esquerdistas”, McCarthy foi deixado à vontade. Tanto mais que se encontrava na Casa Branca um democrata, Harry Truman. Mas a partir do momento em que o poder passou para os republicanos com a vitória de Eisenhower nas eleições, já não interessava levantar tantas ondas como antes, nem ir muito acima. Além do mais era vice-presidente Richard Nixon que tivera papel de destaque na primeira comissão. Há um momento extremamente significativo e que, de certo modo, se pode considerar como o “ponto da viragem”, aquele em que tudo mudou e McCarthy se condenou: o sorriso mais ou menos disfarçado de um membro da mesa quando McCarthy diz como lhe chegou às mãos a carta incriminadora vinda dos arquivos de Edgar Hoover. A armadilha em que caíra torna-se desde logo transparente e, a partir daí acaba por se ver McCarthy reduzido exactamente à situação em que colocara tanta gente: a de se recusar a “citar nomes” (!!!). Atabalhoadamente lança um para a mesa e foi pior a emenda que o soneto, na medida em que a acusação acabou por ser vista como uma calúnia quando se enfrenta com um dos mais respeitados senadores de então. A partir daí a imagem de McCarthy toma um aspecto confrangedor procurando fugir ao confronto e atinge as raias do patético quando fica a arengar para o vazio dada a recusa do interrogador em o ouvir, abandonando a sala e, com ele, quase todos os presentes. McCarthy em desespero de causa resolvera atacar as mais altas instâncias do poder acusando-as de estarem minadas pelos comunistas.

Mas **Point of Order** não é apenas importante como documento histórico sobre os acontecimentos. É-o também como objecto de trabalho, na medida em que nos mostra outro ponto de viragem, o do papel da televisão. Até então o novo meio pouco mais era do que um “transmissor” de programas. De certo modo era o meio de “fazer passar a mensagem”. A partir deste momento a televisão tornou-se a “própria” mensagem, transformando tudo aquilo que mostrava em “espectáculo”. Pouco antes das audições da HCUA outras tinham tido lugar que apontavam já para a mudança, a da transmissão dos interrogatórios da comissão presidida pelo senador Estes Kefauver sobre o crime organizado, e que teve como “fruto” uma série de filmes sobre a questão durante a década de 50. Mas com McCarthy, e principalmente com a transmissão em directo da queda do senador, para além de influenciar o exterior, a televisão tornou-se, ela própria, um poder. E está aqui tudo, mostrando apenas o material produzido. **Point of Order**, lições de História.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico